

**ENTREVISTA
EMILIANO RIBEIRO**

O CINEMA ALTERNATIVO CARIOCA



EMILIANO RIBEIRO

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA FEITA PARA O PROJETO

ANTECEDENTES

Emiliano iniciou sua carreira como ator-mirim. Tudo começou quando sua mãe resolveu obrigar a irmã de Emiliano a leva-lo para o seu trabalho na televisão. Um dia o convidaram para fazer o Francisco Millani quando criança em um flashback de novela. Depois fez durante dois anos uma série na TV Tupi. Tendo se tornado famoso, aos 17 anos, Emiliano cansara-se da vida de estrela, a falta de privacidade, pondo fim à carreira de ator.

Foi, então, chamado para ser continuísta no filme "Massacre no supermercado".

Emiliano chegou a cursar a faculdade de arquitetura, mas desistiu da carreira, considerada enfadonha por ele.

INFLUÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS

Roberto Farias, "Cidade ameaçada", "Assalto ao trem pagador", Nelson Pereira dos Santos, "Vidas Secas" – antes de entrar no cinema - e Arnaldo Jabor pelo seu trato com o elenco – Emiliano foi assistente de Jabor.

ANFÍBIO

Emiliano se auto-define como um anfíbio, transitando em dois ambientes bastante distintos: o universo do curta-metragem e o que era o "cinemão" brasileiro da época.

Adorava o universo dos curta-metragistas, mas sentia que estes pecavam na execução do que classifica como o “beabá” cinematográfico. Sua experiência com o cinemão já o alfabetizara de modo que sua intenção como autor de curtas era conjugar o beabá aprendido nos longas com a liberdade criativa permitida pelo curta.

EXIBIÇÃO DE CURTAS NO HOTEL MERIDIEN

Organizou uma exposição de curtas de várias procedências (Corcina, ABD e apátridas) no Hotel Meridien com a presença de figurões do longa. Uma tentativa de misturar os dois universos. Segundo Emiliano: “Uma maneira de fazer o cinemão ver os curtas”.

ENTRADA NO CURTA-METRAGEM

“O culpado é o José Joffily”. Emiliano trabalhava na Refefê quando conheceu Joffily no filme “O casamento” – Lá Joffily mencionou pela primeira vez a Corisco. Quando Emiliano foi fazer “Dona Flor e seus dois maridos” conheceu Murilo Salles, que também trabalhava no filme. Murilo mencionou novamente a Corisco, convidando Emiliano para uma visita à produtora.

CORISCO – PRIMEIRA IMPRESSÃO

“Quando eu cheguei e conheci as pessoas da Corisco, a primeira sensação que me deu foi: achei um negócio que me faltava porque são pessoas com uma relação bastante horizontalizada, que não era a relação do assistente de direção para qualquer diretor que esteja trabalhando, e são pessoas que detêm meios de produção: câmera, a Corisco tinha gravador. A Corisco tinha pessoas a fim de fazer cinema, simpáticas, bem-pensantes, que davam festas ótimas, tinha

um social muito agradável, e era tudo que eu precisava vindo da fábrica.”

O ACIDENTE DE MOTO

Após um acidente de moto, Emiliano quebra a perna. Sem família, todos na Corisco se mobilizam para ajuda-lo, revezando-se por escalas. A partir daí, Emiliano passou a ver os membros da Corisco como uma “meia família”.

CORISCO – INTEGRANTES DE PRIMEIRA HORA

Segundo Emiliano, a Corisco era originalmente composta por: Jorge Monclar, Roberto Moura, Mônica Segreto, Sérgio Santos, José Joffily, José Carlos Asbeg e Valéria Mauro, além dele mesmo. Segundo ele, Antônio Luís entra depois.

FILMANDO DONA FLOR

Primeiro filme de Emiliano. “Making of” de Dona Flor em uma época em que praticamente não existia “making of”. Emiliano havia visto o “making of” do filme “Grand Prix”, com Paul Newman, tendo achado a ideia sensacional. A vastidão de recursos de Dona Flor (“Era tudo vezes cinco”, diz Emiliano) despertou-o para a possibilidade de fazer o curta com as sobras de negativo e o tempo ocioso de câmera.

DIGA AÍ, BAHIA

Os recursos para o filme surgem de uma transação de Emiliano com Luís Carlos Barreto. Emiliano filmaria um institucional para Barreto de graça, recebendo em troca o material, hospedagem para filmar o “Diga aí, Bahia”. A câmera foi da Corisco.

A ideia partiu de Álvaro Freire, ator de "Dona Flor e seus dois maridos", co-diretor do filme.

Desencontro no primeiro dia de filmagem: Emiliano passa o dia em um dos carros de produção procurando Álvaro Freire. Álvaro passa tb o dia no segundo carro da produção procurando Emiliano. Só se encontram à noite no hotel. Nenhum plano fora rodado.

A proposta do filme: "Uma das coisas que se reclamava, eu, pelo menos, sem tirar a minha pele é por que toda vez que você aborda um assunto importante: sei lá, eu vou falar de câncer....o filme vira um bode. O bode do tema atinge o discurso. O discurso vira bode. No documentário isso era muito pesado de uma maneira geral. Sem querer falar mal da geração anterior, adoro Farkas, adoro Sarno, trabalhei com o Geraldo... Mas, o traço era de grande seriedade. E, como havia ditadura muito pesada do ponto de vista político, havia a necessidade de outras coisas que não a política. Nessa época eu usava cabelo até aqui e tava muito mais pra hippie do que pra comunista. Eu conversava das ideias comunistas, eu protegia meus amigos comunistas na hora que a polícia queria falar com eles, mas eu era hippie. Tava mais pra Caetano Veloso do que pra Geraldo Vandré. E tudo isso levava a: vamos avacalhar esse troço. A gente acha isso uma merda. Ao invés de derrubar, avacalha".

"Diga aí, Bahia" é interdito em todo território nacional. Nelson Pereira dos Santos, contactado por Emiliano e Álvaro Freire, consegue com apenas um telefonema liberar o filme.

O motivo da censura se deu pela seguinte cena: Fala de um dos depoentes dizendo: "A Petrobrás é governo e governo é nação" montada junto com um plano de um menino no lixo batendo continência pra câmera.

"Diga aí, Bahia" por ser, na definição de Emiliano, um documentáriocomédia passa junto com o longa "Noivo neurótico,

noiva nervosa”, de Woody Allen. O filme de Allen fatura um absurdo e Emiliano segue no rastro dos 5% da bilheteria.

JORGE ABRANCHES E VISÃO CINEMATOGRAFICA

“Diga aí, Bahia” vai para o Festival de Brasília. Lá, Emiliano encontra Jorge Abranches que na época era um empresário bem-sucedido: fábrica de barracas cujo principal cliente era o exército da Bolívia. Pergunta a Emiliano se ele quer vender o “Diga aí, Bahia”. Ao invés de vender o filme, Emiliano convida Abranches a montar uma produtora no que viria a ser a Visão Cinematográfica em 77-78. Abranches compra uma câmera 16 mm.

COOPERATIVISMO, ESTADO E CBC

“Havia por parte do Estado a venda para a população da ideia do cooperativismo. O cooperativismo era pauta. Os longa-metragistas tinham fundado a Cooperativa Brasileira de Cinema, cujo presidente era o Nelson Pereira, que tinha comprado um cinema ali em Copacabana... quer dizer, a ideia do cooperativismo estava na pauta”.

VISÃO CINEMATOGRAFICA – SEDE CORCINA

Duas salas em cima do teatro Opinião, na Siqueira Campos. Onde também ficava a Visão Cinematográfica, produtora de Emiliano e Jorge Abranches.

PÉO NÃO FOI PRESIDENTE DA CORCINA

“Quando o Péo legitima, se eu não me engano, o primeiro presidente da Corcina, acho que é o Sérgio Resende. O Péo era o doutor Ulisses:

carregou até a abertura, mas não tomou posse (...) Eu não me lembro do Péo presidindo, mas fundando a Corcina, fazendo a Corcina virar verdade. Mas também tinha essas coisas de é preciso ter mais gente pragmática, é preciso ter mais gente com pé no chão: Sérgio, Marisa, eu, Zé Jofilly...”

TESOUREIRO

Emiliano foi tesoureiro da Corcina. Reclama dos orçamentos estapafúrdios de alguns filmes.

COOPERATIVISMO CORCINA

“Porque a ideia da Cooperativa não tava só na pessoa jurídica suportava aqueles filmes. Eu fiz vários filmes, inclusive o da Denise, em que eu recebi em percentual da renda do filme. Aliás, o da Denise, a gente trocou. Ela fez o “Brilho da noite” sem cobrar e eu montei o dela”.

O BRILHO DA NOITE

Nasce de um cheque de Jorge Abranches dado a Emiliano como compensação pelo fechamento da Visão Cinematográfica após um ano de atividade. Abranches já tinha realizado o seu curta, “Era uma vez”, nesse tempo. De modo que Emiliano cobrou o seu, recebendo o dinheiro para a realização do filme na hora das mãos de Jorge.

Música “Tigresa”. Tema: liberação feminina.

O filme não foi bem recebido. Dada a má recepção, Emiliano vende para Sorrentino a preço fixo.

JORNADA DE SALVADOR

Segundo Emiliano, espaço privilegiado para troca de experiências e elaboração de propostas. Não desenvolve um raciocínio mais amplo.

ABD 88-90

Emiliano foi presidente na ABD entre 88 e 90, nos estertores do curta-metragem. A televisão é vista por ele no período de crise como novo espaço para o qual migrar. A tese de Emiliano é a seguinte: a televisão é concessão pública, logo o governo tem o direito de exibir nela o que bem entender diferentemente dos exibidores cinematográficos: um critério de isonomia poderia até obrigar a exibição de curtas nacionais, mas sem grandes especificações – abre-se aí o espaço para a produção de péssima qualidade dos próprios exibidores.

TRAMA FAMILIAR

Feito no consultório onde Emiliano fez análise. O seu psicanalista contribuiu no roteiro.

O filme foi realizado para um congresso na Holanda.

Taxado de filme burguês, de direita.

Emiliano diz que o filme trata de um problema existencial. E a existência “não tem direita-esquerda”.

O filme ganhou melhor roteiro e direção na Jornada de Salvador.

JOÃO CÂNDIDO - O ALMIRANTE NEGRO

Livro do Edmar Morel “Revolução da chibata” ou “Levante da chibata”, Emiliano não se lembra ao certo do livro, como primeira inspiração para o filme. Emiliano via no material o potencial para a realização de um Potemkin brasileiro.

Levou o projeto, inicialmente de um longa para Paulo Porto, produtor, entre outros filmes, de "Toda nudez será castigada" e "O casamento" de Arnaldo Jabor.

A VIAGEM DE VOLTA

Volta ao universo da terapia de "Trama familiar". A análise para Emiliano era a solução para os membros de uma geração que não queriam seguir o caminho direito, careta, "trabalhando na Petrobrás" nem pegar em armas para derrubar o governo, espremidos ali no meio.

Presença da vídeo-terapia.

Vem em parte da experiência de Emiliano no NUTES, fazendo filmes sobre doença.

Fez laboratório em uma comunidade terapêutica para o filme.

Consegue realizar o filme graças ao Collor. Ninguém estava trabalhando. Conseguiu, então, que amigos conseguissem trabalhar de graça no filme.

TELACOMUNICAÇÕES

Produtora que Emiliano abre em 1979.

Por que abre a produtora: 1- tinha percebido que o governo não aceitaria mais a figura do realizador autônomo; 2- abatimento do imposto de renda.

Produziu pela Telacomunicações 3 ou 4 curtas. Lembra-se de 2 títulos: "A mulher direita", Carlos Martins, e "Sinfonia caipira" – não

lembra o nome do diretor, lembra-se que ele era de Goiás e amigo de Sílvio Da-Rin.

VÔO SOLO

Comentário feito logo após a menção da criação da Telacomunicações, produtora de Emiliano:

“O cooperativismo, o espírito de grupo, a patota que um faz o filme do outro, é fundamental para você nascer e dar uma crescida, mas chega um ponto profissional em que o voo solo é inevitável, ele se impõe.”

CORISCO E O MERCADO – LEMBRANÇAS DE UM COMERCIAL JAMAIS FEITO

“Aliás, tem uma história dentro da Corisco irresistível de contar: uma discussão absolutamente bizantina que durou semanas sobre se nós faríamos ou não um comercial de um prédio de construção civil no Alto Leblon. O que isso iria dizer dentro do currículo da empresa, o valor daquele dinheiro, que produto estaríamos vendendo, o que estaríamos fazendo...e era só um comercial de 30 segundos sobre uma construtora! Mas não fizemos o filme”.

NUTES

Emiliano trabalha para o Nutes durante 4 anos: ganha-pão.

MATERIAL A COLETAR

Emiliano tem uma cópia de “O brilho da noite”. Não sabe onde está o negativo.

